

# PAIX LITURGIQUE

Carta 88 publicada a 2 abril 2018

## A MISSA DE PAULO VI: UM SACRIFÍCIO ESBATIDO

### Depois

de uma carta dedicada à análise do missal novo de um ponto de vista cerimonial, dedicámos uma primeira carta – intitulada “Uma hemorragia do sagrado” – ao conteúdo deste mesmo missal promulgado a 3 de Abril de 1969. Vamos agora completá-la com algumas reflexões sobre a mais grave das suas deficiências do ponto de vista doutrinal e espiritual: a fraca expressão da missa como sacrifício propiciatório.



### O contexto da “re-avaliação” do sacrifício da missa

O Concílio de Trento, dando resposta aos erros protestantes, afirmou a perfeição do único sacrifício da Cruz, do qual deriva unicamente toda a redenção. Afirmou ainda que Cristo, na Última Ceia, deixou à sua Igreja um sacrifício visível, «sacrifício verdadeiro e autêntico» (Dz 1751), realizado pelos sacerdotes, que participam do seu sacerdócio, e no qual se representaria de maneira incruenta o sacrifício do Gólgota, de modo que a força salutar deste último pudesse operar a redenção dos pecados até ao fim dos tempos (Dz 1740).

A teologia pós-tridentina empenhou-se afincadamente ao longo de quatro séculos para definir qual seja a essência deste sacrifício da missa. Sobre este ponto, Pio XII, na encíclica *Mediator Dei* (20 de Novembro de 1947), seguindo de perto o ensinamento de São Tomás

(1), precisou: «O augusto sacrifício do altar não é, pois, uma pura e simples comemoração da paixão e morte de Jesus Cristo, mas é um verdadeiro e próprio sacrifício, no qual, imolando-se incruentamente, o sumo Sacerdote faz aquilo que fez uma vez sobre a cruz, oferecendo-se todo ao Pai, vítima agradabilíssima [...] a divina sabedoria encontrou o modo admirável de tornar manifesto o sacrifício de nosso Redentor com sinais exteriores que são símbolos de morte. Já que, por meio da transubstanciação do pão no corpo e do vinho no sangue de Cristo, têm-se realmente presentes o seu corpo e o seu sangue».

**No final dos anos sessenta, a noção de “sacrifício pelos pecados” e de “satisfação vicária” (Cristo que toma sobre si os pecados dos homens, para oferecer reparação por eles no lugar dos homens) sofreu críticas frontais.** Eram então correntes acusações na

esteira daquela de Hans Küng, que à época não era visto como um extremista: «A teologia da Contra-Reforma foi acometida, no que toca à doutrina eucarística, por várias parcialidades que dão lugar a reflectir: abandono do aspecto de memorial, sobre o qual se insistia muito na Idade Média, e o mesmo vale para o aspecto relativo à comunhão, assistindo-se, em contraponto, a uma insistência redobrada quanto ao aspecto do sacrifício» (*Le Concile, épreuve de l'Église*, Seuil, 1962).

**Difundiu-se em larga escala**

**um certo incómodo ou embaraço em afirmar o carácter de acto propriamente**

**sacrificial da missa.** Para certos teólogos, a missa, em lugar de ser um sacrifício verdadeiro e autêntico, era sim um sacrifício de oblação por parte da Igreja, que captava o sacrifício de oblação-imolação de Cristo no Calvário sempre presente aos olhos de Deus, mas sem uma repetição sacrificial propriamente dita sob um modo sacramental. Assim, por exemplo, em *Faites ceci en mémoire de moi* (Cerf, 1962; “Fazei isto em memória de mim”), Dom Casel († 1948) considerava que o único acto de sacrifício do Calvário se tornava «mistericamente» presente na missa, pelo que a missa não seria ela própria um acto sacrificial em si mesma. Os defensores, muito diferentes entre si, desta nova perspectiva teológica resumiam-na assim: "A missa não é um sacrifício, ela é O sacrifício". Muito característico era o pensamento de Jacques Maritain, elaborado em diálogo com Charles Journet. Segundo tal pensamento, a transubstanciação era acompanhada por uma espécie de “presença real” do sacrifício da cruz (2).

**No contexto ecuménico da**

**composição do *Novus Ordo Missae*, conquanto não se negasse a referência sacrificial da missa, sentia-se no entanto o embaraço de afirmar que a missa é um sacrifício.** Aliás,

encontraremos esta mesma opção teológica, que entretanto se tornou comum no ensino teológico, nas explicações doutrinárias que foram acompanhando a reforma litúrgica desde Paulo VI, explicações não exactamente falsas, mas débeis:

«Quando a Igreja celebra a Eucaristia, faz memória da Páscoa de Cristo, e

esta torna-se presente: o sacrifício que Cristo ofereceu na Cruz uma vez por todas, continua sempre actual» (Catecismo da Igreja Católica, 1364, e ainda 1362, 1366); «A

Eucaristia é assim na Igreja a instituição sacramental que, a cada etapa,

"substitui" o [«serve de “ligação/conexão” ao» – segundo as versões

italiana e francesa; «serve de “paragem/poiso” para o» - segundo a versão espanhola]

Sacrifício da Cruz, lhe oferece uma presença ao mesmo tempo real e activa

[«operante» - nas demais versões]» (Mensagem de João Paulo II ao Congresso

Eucarístico Internacional de Lourdes, 21 de Julho de 1981).

## A atenuação sacrificial do *Ordo Novo*

Por exemplo, no momento mais solene, aquela atenção que a liturgia da missa até então havia posto, em primeiro lugar, sobre o sacrifício da Sexta-Feira Santa (o sangue derramado por nós), o novo missal desviou-a na direcção do mistério pascal no seu todo, entendido este como morte e ressurreição (3). Deste modo, o *mysterium fidei*, que antes estava inserido no interior da consagração do Preciosíssimo Sangue, como explicitação da consagração do cálice que finaliza o sacrifício eucarístico – o mistério da fé celebrado *hic et nunc*, enquanto é ele o Sangue derramado em remissão dos pecados (4) – foi transferido para depois da consagração, como introdução às aclamações que se lhe seguem. Assim, e desde logo, passa a assumir uma significação mais larga: já não é somente o mistério da eucaristia, sacrifício e sacramento, mas o que vem identificar agora é o mistério da morte, da ressurreição e da parusia: «Mistério da Fé. Anunciamos, Senhor, a vossa morte; proclamamos a vossa ressurreição; vinde Senhor Jesus!»

Já não é obrigatório colocar a cruz ao centro do altar para que possa dominar sobre a celebração do sacrifício, mas passa a poder estar «junto dele» (Instrução Geral do Missal Romano, 270/308). Apenas se conservou um único sinal da cruz sobre as oferendas não consagradas, em vez dos vinte e oito sinais da cruz do antigo *Ordo*, de bênção ou designativos, feitos pelo sacerdote sobre as oferendas antes e depois da consagração, ou feitos com a hóstia e o cálice (*Per ipsum, commixtio*, comunhão).

A breve *Prex Eucharistica II*, versão adaptada da Tradição Apostólica de Sto. Hipólito, tal como foi reconstituída por Gregory Dix e Dom Botte, de uma forma que é hoje muito discutida, reflecte uma expressão teológica arcaizante que não chega a exprimir o sacrifício do pão e do vinho consagrados senão de maneira muito implícita («que participando no Corpo e Sangue de Cristo, sejamos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo»).

Numerosas orações com tonalidade de perdão dos pecados foram evacuadas: as da subida ao altar, como já se disse; as orações do ofertório, às quais voltaremos; e as duas orações de pedido de purificação da alma e de temor do julgamento, que antecedem a comunhão, foram reduzidas a uma, à escolha.

A última oração do sacerdote antes de dar a bênção (*Placeat tibi Sancta Trinitas*), muito significativa do sacrifício que acabou de se realizar, foi suprimida: «Seja-vos agradável, ó Trindade santa, a oferta de minha servidão, a fim de que este sacrifício que, embora indigno aos olhos de vossa Majestade, vos ofereci, seja aceito por Vós, e por vossa misericórdia, seja propiciatório para mim e para todos aqueles por quem ofereci.»

O cânone romano, sobremaneira explícito na expressão do sacrifício com as suas repetições de termos como “sacrifício”, no singular e plural, “oferendas”, “nós oferecemos”, “oblação”, agora mais não é do que uma entre outras orações eucarísticas possíveis e alternativas, sendo além disso pouco utilizado pelos celebrantes, receosos de se verem rotulados e taxados de “integrisimo”. De resto, até as palavras «*sanctum sacrificium, immaculatam hostiam*», «sacrifício santo, hóstia imaculada», acrescentadas

por São Leão Magno à oração *Supra quae propitio*, do antigo cânone romano, foram traduzidas em português por «oblação pura e santa».

**Todavia, a maior atenuação sacrificial resulta da supressão do ofertório tradicional, substituído por uma “preparação dos dons”. Ora, este termo “ofertório” sempre havia sido entendido no seu sentido forte de sacrifício. Aliás, o próprio cânone se apresenta como um “ofertório”, isto é, como uma “oblação sacrificial” ao Pai pelo Filho.** Nesse todo constituído pela acção eucarística, as liturgias latinas e orientais – e estas últimas, de modo muito insistente – sempre saudaram as oblatas trazidas ao santuário e descobertas sobre o altar como estando a ser consagradas e oferecidas de maneira sacrificial por antecipação.

Foi de modo muito natural que, entre os séculos VII e XI, se fixaram na liturgia romana – como nas demais liturgias latinas e orientais – estas orações de oferecimento sacrificial das oblatas a consagrar: «Recebei, Pai Santo, esta hóstia imaculada que eu [...] vos ofereço [...] por meus inumeráveis pecados, ofensas e negligências»; «nós vos oferecemos, Senhor, o cálice da salvação»; «recebei, ó Trindade Santíssima, esta oblação, que vos oferecemos em memória da Paixão, Ressurreição e Ascensão»; «em espírito e humildade e com coração contrito, sejamos por Vós acolhidos, Senhor. E assim se faça hoje este nosso sacrifício [...] de modo que vos seja agradável»; «orai, irmãos, para que este sacrifício, que também é vosso, seja aceite e agradável a Deus Pai Omnipotente».

O desejo de um retorno a um ritual antigo tal como era imaginado – o simples levar dos dons em procissão – em conjunção com a intenção de procurar uma elaboração criativa de procissões de transporte dos «frutos da terra e do trabalho», conduziu à supressão da pretensa “duplicação” que seria constituída pelo ofertório romano.

Deve-se, no entanto, a Paulo VI a reintrodução da palavra *offerimus* na apresentação do pão e na do vinho, como ainda da oração *Orate fratres* e do responso *Suscipiat*, de que ele muito gostava, e que alguma tradução irradiou, como veremos.

Os peritos fabricaram eulogias sobre o modelo da *berakha* hebraica para as bênçãos da primeira taça e da fracção do pão que ocorriam ao longo das refeições cerimoniais (assim: «Bendito sejas, Eterno Deus nosso, Rei do universo, que criastes o fruto da vinha»). De facto, hoje, esta particular inspiração provoca algum embaraço, já que aquelas teses que supunham ingenuamente que a oração hebraica permanecera inalterada por oito a nove séculos foram seriamente abaladas. É até possível que certas apologias ou outras orações do ofertório tradicional sejam, pelo menos, tão antigas como aquelas bênçãos hebraicas.

O que é facto é que os sábios peritos da *Consilium* eliminaram o ofertório romano e todo o aspecto de explicitação do sacrifício fruto da tradição litúrgica que ele representava. No final, a “preparação dos dons” que veio substituí-lo aparece assim traduzida no missal português:

- Quando o sacerdote eleva a patena: « Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos da vossa bondade, fruto da terra e do trabalho do homem, que hoje Vos apresentamos e que para nós se vai tornar Pão da vida» (em lugar de, no missal tridentino: «Recebei, Pai santo, onipotente e eterno Deus, esta hóstia imaculada, que eu vosso

indigno servo, vos ofereço, ó meu Deus, vivo e verdadeiro, por meus inumeráveis pecados, ofensas, e negligências, por todos os que circundam este altar, e por todos os fiéis vivos e mortos, a fim de que, a mim e a eles, este sacrificio aproveite para a salvação na vida eterna»);

- Ao deitar um pouco de água

no cálice: «Pelo mistério desta água e deste vinho sejamos participantes da divindade d'Aquele que assumiu a nossa humanidade» (em vez da oração do sacramentário leoniano, que, no missal tridentino, se inclui neste lugar: «Ó Deus, que maravilhosamente criastes em sua dignidade a natureza humana e mais prodigiosamente ainda a restaurastes, concedei-nos, que pelo mistério desta água e deste vinho, sermos participantes da divindade daquele que se dignou revestir-se de nossa humanidade, Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor Nosso [...]»);

- Quando eleva o cálice:

«Bendito sejais, Senhor, Deus do universo, pelo vinho que recebemos da vossa bondade, fruto da videira e do trabalho do homem, que hoje Vos apresentamos e que para nós se vai tornar Vinho da salvação»; e na versão francesa: *«nous te le présentons : il deviendra le vin du Royaume éternel»* (em vez de: «Nós vos oferecemos Senhor, o cálice da salvação, suplicando a vossa clemência. Que ele suba qual suave incenso à presença de vossa divina majestade, para salvação nossa e de todo o mundo»).

- Depois, inclinado: «De

coração humilhado e contrito sejamos recebidos por Vós, Senhor. Assim o nosso sacrificio seja agradável a vossos olhos»; e na versão francesa: *«Humbles et pauvres, nous te supplions, Seigneur, accueille-nous : que notre sacrifice, en ce jour, trouve grâce devant toi»* (em lugar da totalidade da antiga oração nos seus pormenores significativos, que contudo se conserva no missal latino novo: «Em espírito de humildade e coração contrito, sejamos por vós acolhidos, Senhor. E assim se faça hoje este nosso sacrificio em vossa presença, de modo que vos seja agradável, ó Senhor Nosso Deus»).

- «Depois, eventualmente,

incensa as oblatas e o altar. A seguir, o diácono ou o ministro incensa o sacerdote e o povo»;

- Enquanto lava as mãos:

«Lavai-me, Senhor, da minha iniquidade e purificai-me do meu pecado» (em vez de: «Lavo as minhas mãos entre os inocentes, e me aproximo do vosso altar, ó Senhor, para ouvir o cântico dos vossos louvores, e proclamar todas as vossas maravilhas. Eu amo, Senhor, a beleza da vossa casa, e o lugar onde reside a vossa glória. Não me deixeis, ó Deus, perder a minha alma com os ímpios, nem a minha vida com os sanguinários. Em suas mãos se encontram iniquidades, sua direita está cheia de dádivas. Eu porém, tenho andado na inocência. Livrai-me, pois, e tende piedade de mim. Meus pés estão firmes no caminho reto. Eu te bendigo, Senhor, nas assembleias dos justos. Glória ao Pai [...]»);

- Por fim: «Orai, irmãos,

para que o meu e vosso sacrificio seja aceite por Deus Pai todo-poderoso», com a resposta do povo: «Receba o Senhor por tuas mãos este sacrificio, para glória do seu nome, para nosso bem e de toda a santa Igreja», resposta conservada na edição típica latina do novo missal, e presente na tradução portuguesa, mas o mesmo não se pode dizer de todas as traduções. Assim, na tradução francesa tal antigo diálogo desapareceu, a resposta do povo limitando-se agora a: *«Pour la gloire de*

*Dieu et le salut du monde».*

Torna-se claro que as expressões de oferta sacrificial (da «hóstia imaculada», pelos pecados do sacerdote e pela salvação de «todos os fiéis vivos e mortos», do «cálice salutar» em perfume agradável diante da majestade divina, para a salvação do mundo inteiro) foram seriamente aplainados.

### **Um deslizamento no sentido do “fazer simplesmente memória”**

Cada um dos elementos examinados ao longo desta carta, e nas que a precederam, poderá parecer ter apenas uma importância relativa, quando considerado em si mesmo. Mas a soma deles é de grande consequência: o abandono de um ritual estritamente vinculante, a multiplicação **das opções, a celebração, as mais das vezes, face ao povo, o uso geral das línguas comuns, a ampla liberdade nas admoções e comentários, o estilo palavroso crescente (quase sempre em voz alta) em detrimento do segredo ritual e sagrado, o enfraquecimento da reverência relativamente à eucaristia, a expressão mais débil do sacerdócio hierárquico e, sobretudo, da realidade do sacrifício sacramental, a par da adopção dum certo número de gestos e usos próprios da vida ordinária, tudo conduzindo a que se deslize de um "fazer memória" para um "fazer simplesmente memória". Ainda assim, não pomos em causa a validade desta missa nova, conquanto se deva dizer que, em virtude do facto de a estrutura do rito e das orações ser muito mais lassa do que no antigo *Ordo*, a questão da validade pode legitimamente pôr-se a respeito daquelas celebrações fantasistas ou blasfemas que alguns sacerdotes crêem poder permitir-se aproveitando dessa estrutura normativa pouco vinculante.**

Todavia, não são apenas os sacerdotes “progressistas” que improvisam com o ritual “mole” do *Novus Ordo Missae*. Os sacerdotes “clássicos” também o fazem, ainda que em sentido inverso (genuflexões intermináveis, insistentes comentários marginais: «Agora, o sacerdote vai consagrar o pão e o vinho, que verdadeiramente se tornarão o Corpo do Senhor», etc.). Podemos mesmo dizer que a acentuação da “presença” do celebrante, que é uma característica da missa nova, é como que obrigatória para compensar as carências intrínsecas desta missa. Para que não suceda que a celebração penda no sentido do simples memorial, os celebrantes pios do *Ordo* novo fazem de maneira a manifestar a sua própria fé e a sua piedade pessoal, como meio paliativo para atenuar ou disfarçar as deficiências deste *Ordo*. Menos o rito fala de presença real e sacrifício, mais o sacerdote se acha no dever de manifestar que ele crê neles, para promover a fé dos que assistem. No entanto, isto vem abalar o princípio fundamental de objectividade próprio dos sacramentos, que produzem a graça, não em primeiro lugar em virtude do que crê pessoalmente o celebrante, mas por aquilo que ele publicamente faz em nome da Igreja.

-----

(1) Aquando do sacrifício da missa, a morte salvadora de Cristo é reproduzida sacramentalmente sob o signo das espécies consagradas separadas em Corpo e Sangue, que simbolizam a separação violenta da Cruz (*Suma teológica*, q. 77, a. 7; *Suma contra os gentios*, l. 4, c. 61).

(2) Ver Philippe-Marie MARGELIDON, OP, “La théologie du

sacrifice eucharistique chez Jacques Maritain”, Revue Thomiste,  
Jan.-Março/2015, p. 101-147.

(3) De notar que a expressão  
pode também significar a morte do Senhor. Por exemplo, na oração da Sexta-Feira  
Santa: «[...] o Cristo, vosso Filho, pelo seu sangue derramado, instituiu o  
mistério pascal» («[...] *per  
suum cruorem, instituit paschale mysterium*»).

(4) «Este é o cálice do meu sangue, do sangue da nova e eterna aliança, mistério da fé, o qual será derramado por vós e por muitos, para a remissão dos pecados».



